

ARTIGOS

JUBILEU: CELEBRAÇÃO DA ALEGRIA COMO PRÁXIS CRISTÃ

Pedro Carlos Cipolini

"E eu reconheci que nada havia melhor do que alegrar-se o homem, e fazer o bem enquanto lhe dura a vida" (Ecl 3,12).

INTRODUÇÃO

Em Israel o jubileu era anunciado de cinqüenta em cinqüenta anos pelo toque do *yobel*, uma espécie de trombeta (Lv 25,6-10). Os escravos eram libertos (Dt 15,12-18), as propriedades alienadas por dívidas voltavam a seus donos, a terra descansava (Ex 23,10-13) etc. A história dessa lei de Israel, que na realidade parece nunca ter sido aplicada de forma efetiva, é a história do mais puro desejo de fraternidade sobre a terra. O jubileu configurava-se como um tempo de paz e alegria para o povo, para os homens e para a natureza. É a esperança de ver o sonho de fraternidade universal realizado.

Na sua origem vétero-testamentária, o jubileu foi uma instituição social de inspiração religiosa. Propunha-se a restabelecer a alegria através da concretização da justiça social desejada por Deus (Lv 25,17-19). André Chouraqui comenta a alegria que perpassa a história do povo hebreu, apesar de suas tragédias e insucessos. Na história bíblica, todo sofrimento termina em alegria graças à salvação de Deus e,

tal como a aurora sucede à noite, o riso sucede ao grito de dor¹. Jesus vai retomar a proposta do jubileu ampliando o anúncio da alegria do Reino para toda a humanidade, é o “ano da graça” (Lc 4,16-30).

Na Igreja Católica, o jubileu é celebrado de 25 em 25 anos. A primeira manifestação digna de nota é a de 1220, proclamado pelo papa Honório III, este jubileu foi marcado pela peregrinação ao túmulo de S. João Becket. Posteriormente, o papa Bonifácio VIII, em 1300, vai proclamar um grande jubileu ou Ano Santo, com peregrinação aos túmulos de S. Pedro e S. Paulo em Roma. Será o primeiro grande jubileu oficializado pela Igreja.

São instituições do jubileu: a peregrinação, a porta santa e as indulgências. Na carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente* (TMA), o papa João Paulo II indica novos sinais para celebrar este jubileu do ano 2000: a) purificação da memória, b) conversão à caridade, c) memória dos mártires. Estes sinais são recordados na bula do jubileu (cf. *Incarnationis Mysterium* (IM) n.11-13).

Uma nota característica do jubileu se destaca na proposta do jubileu desta virada de milênio, é a característica que se deseja tratar aqui:

- “O termo jubileu indica júbilo, alegria; não apenas júbilo interior, mas alegria que se manifesta exteriormente, já que a vinda de Deus é um acontecimento também exterior, visível, audível, palpável, como recorda João (1Jo 1,1)” (TMA 16).

Em uma realidade cada vez mais global de exclusão social, gerada pelo sistema econômico imperante, em clima de competição e insegurança, são muitos os que prometem prazer, e quase ninguém é capaz de prometer alegria verdadeira como satisfação integral, englobando não somente o corpo, mas a pessoa na sua totalidade.

1. ANÚNCIO DE UMA GRANDE ALEGRIA: A ALEGRIA TRINITÁRIA

O apóstolo Paulo recomenda: “Alegrai-vos sempre no Senhor” (Fl 4,4). Isto pressupõe que Deus seja a própria alegria. No seio da Trindade há amor, honra e glória mútuas: esta fruição recíproca constitui a vida divina e a alegria de Deus em si mesmo. A vida de Deus é *fruitio*

⁽¹⁾ Cf. CHOURAQUI, A., *Os homens da Bíblia*, São Paulo, Companhia de Letras, 1999, p. 152.

sui ipsius no amor recíproco entre as Pessoas divinas. Assim como Deus, criador do mundo, é a causa primeira da felicidade do mundo ao comunicar-lhe sua graça, também a criação é vocacionada para a alegria, para um final feliz. Vale a pena notar que no grego as palavras *graça* e *alegria* têm uma raiz comum: *cháris*.

A alegria é um elemento essencial da realidade da salvação. E a própria salvação é um acontecimento que traz júbilo e felicidade. A essência da revelação cristã é que Deus dirigiu sua palavra ao homem para salvá-lo, comunicando-lhe sua alegria divina. O fundamento da alegria cristã, portanto, consiste no fato de que o homem, salvo pela graça de Cristo, encontra-se livre e em paz com Deus. Por isso a pregação da Boa Nova de Jesus é fonte de grande alegria: "E a cidade se encheu de alegria" (At 8,8).

Jesus vive a alegria da intimidade com o Pai e do conhecimento de seus desígnios (o Reino). A alegria de Jesus é sua intimidade com o Pai e a alegria do Pai é sua intimidade com Jesus: "Tu és meu filho amado; em ti eu me comprazo" (Lc 3,22). A Trindade é fonte de alegria e ao nos ser revelada gera alegria. Pois a união do Pai e do Filho, o amor que os une é o Espírito Santo que dos dois procede. Esta alegria trinitária nos é comunicada. Todos os que acreditam em Cristo são chamados a viver a alegria desta intimidade (cf. Vaticano II, GS 24).

A "alegria messiânica" está no Dom do Espírito Santo. "A Igreja não pode preparar-se para a passagem bimilenária de outro modo que não seja no Espírito Santo" (TMA 44), que é o Dom procedente do Pai e do Filho. É no impulso do Espírito Santo que a Igreja vence o medo, para mergulhar na alegria do anúncio do Reino. "O Espírito Santo, relação de amor entre o Pai e o Filho, é o sim que Deus diz a si mesmo e a alegria de Deus em Pessoa"². É necessário redescobrir a presença do Espírito Santo na Igreja, a fim de que ela se torne local de vivência e comunicação da alegria divina. O Espírito Santo é que confere eficácia à missão evangelizadora: "O Espírito Santo tem um lugar eminente em toda a vida da Igreja; mas é na missão evangelizadora da mesma Igreja que ele mais age" (Paulo VI, EN 75).

A alegria é, assim, a característica dos tempos messiânicos:

a. na anunciação - Lc 1,28: "Alegra-te cheia de graça".

⁽²⁾ Volk. H. , *Alegria*, in *Dicionário de Teologia V. I*, S. Paulo, Loyola, 1970, p. 52.

- b. Isabel e a criança - Lc 1, 44: “Logo que a sua saudação chegou a meus ouvidos, a criança saltou de alegria no meu ventre”.
- c. Cântico de Maria - Lc 1,47: “Meu espírito se alegra em Deus meu salvador”.
- d. Nascimento - Lc 2,10: “Eu vos anuncio uma Boa Notícia, que será uma grande alegria para todo o povo...”
- e. Os magos - Mt 2,10: “Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria”.
- f. Bodas de Cana - Jo 2, 1-12: Uma “nova criação” que se dá na alegria de uma festa: o vinho da alegria.
- g. Alegria como fruto messiânico, Paz do ressuscitado (Lc 24,32;Jo 20,20), a Páscoa é a inauguração de uma festa, o final da história do Cristo crucificado, está marcado por uma festa sem fim.

O Papa Paulo VI, em 1975, escrevia: “A sociedade técnica teve a possibilidade de multiplicar as ocasiões de prazeres; no entanto ela encontra dificuldades grandes de engendrar também a alegria” (Paulo VI, *Gaudete in Domino*, cap. I). Décadas depois, a situação só agravou, a humanidade hoje padece de um vazio mortal e o homem é um animal descontente: O homem moderno não tem por perto, nunca, felicidade nem alegria; tem isto sim, bem-estar e prazer... E a alegria não pode ser confundida com o prazer. No homem moderno há prazer sem alegria, porque se esvaziou a autêntica alegria de seu projeto, ele ficou oco, sem consistência³. É a cultura do tédio gerado pelo consumismo.

O jubileu quer levar a Igreja a redescobrir e anunciar a graça original existente na criação quando Deus viu que tudo era bom (Gn 1,11). A alegria é fruto da criação redimida, juntamente com a paz e a liberdade. A recomendação do apóstolo Paulo, portanto, é de alegrar-se sempre no Senhor (Fl 4,4), pois o cristão ao encontrar-se com Jesus Cristo descobre a plenitude da alegria.

⁽³⁾ ROJAS, H., *O Homem Moderno: a luta contra o vazio*, São Paulo, Mandarim, 1996, pp. 32-33.

2. MOTIVO DA ALEGRIA: ENCARNAÇÃO DO VERBO E ANÚNCIO DO REINO

O ideal ético da sociedade humana culmina em uma meta: a construção do Reino de Deus, isto é, a realização da história humana como história da salvação. O anúncio do Reino deve ser capaz de despertar esta genuína alegria nas pessoas. O jubileu é momento de anunciar esta alegria que brota do absoluto e da descoberta do sentido da vida, que para nós cristãos, está no mistério revelado em Jesus. É Jesus que revela a Trindade de Amor, fonte de toda alegria no mundo.

- “No cristianismo o ponto de partida é a encarnação do verbo” (TMA 6)
- “Jesus Revela o rosto de Deus Pai, misericordioso e compassivo, e, com o envio do Espírito Santo, torna patente o mistério de amor da Trindade” (IM n. 3)
- “Cada homem, ao encontrar Cristo, descobre o mistério da sua própria vida” (Vaticano II – GS n. 22)
- “Ao anunciar Jesus de Nazaré, verdadeiro Deus e perfeito homem, a Igreja oferece a todo o ser humano a perspectiva de ser ‘divinizado’ e, dessa forma, tornar-se mais homem” (IM n. 2)

“Só o Reino por conseguinte é absoluto, e faz com que se torne relativo tudo o mais que não se identifica com ele” (Paulo VI, EN n. 8). Entrar no Reino, é entrar no “gozo do seu senhor” (Mt 25,21-23). O Reino é alegria perene que brota da proximidade com o criador e da criação reconciliada (1Pd 4,13). Mas como se caracteriza o Reino de Deus? “O Reino de Deus não é alimento nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo”, escreve Paulo (Rm 14,17). “O Reino é a ordem definitiva da justiça, do amor e da paz” (cf. Catecismo/1983 n. 672). Podemos caracterizar os valores fundamentais do Reino fazendo um paralelo com os símbolos do jubileu:

JUSTIÇA	peregrinação — esforço, busca permanente da “terra prometida”
PAZ	porta santa — “Ele é a nossa Paz” (Ef 2,14), adesão a Jesus
AMOR/ALEGRIA	indulgência — plenitude da misericórdia redentora

Se a fonte da alegria como vimos é o mistério trinitário, os motivos de nossa alegria são constituídos pela manifestação deste

mistério, pelo convite a participarmos dele através da encarnação de Jesus e da implementação do Reinado de Deus.

Apesar da alegria que invade os discípulos, eles não estão livres da aflição e até mesmo da perseguição por causa do Reino. Ninguém que segue Jesus Cristo está liberado da cruz. Porém, até mesmo no sofrimento, o discípulo deve encontrar esta alegria pascal: "Alegrai-vos e exultai, quando vos perseguirem e mentindo disserem todo mal de vós por causa de mim, será grande vossa recompensa no céu" (Mt 5,11-12). A alegria dada por Jesus é a "sua paz", diferente daquela que o mundo dá (cf. Jo 14,27). Neste sentido é oportuno o convite feito pelo papa para que se faça memória dos mártires neste alvorecer do novo milênio (TMA n. 37). O mártir é aquele que não deixou a morte subtrair-lhe a alegria da fé.

O caráter supremo da alegria cristã, o mais paradoxal se vai afirmando no NT, consiste na alegria nas aflições e nos padecimentos por Cristo através do testemunho/ martírio (2Co 13,9; Tg 1,2; 1Pd 1,8; Hb 10,34; At 5,41; Mt 5,12). Sofrer por Cristo é participar de sua glória. As tribulações são como dores do parto, quanto mais intensa a dor, mais próxima a libertação: "Alegrai-vos na esperança, perseverando na tribulação" (Rm 12,12). Somente a partir desta fé profunda no transcendente é que a alegria se legitima e se justifica diante das acusações de ser ela uma covardia ante a contradição e o aparente absurdo da vida e da história⁴.

Esta alegria inextinguível, este bom humor, podemos encontrar na vida dos santos, os quais foram profundamente ungidos com este óleo da alegria (Hb 1,9). Distinguimos S. Francisco, Santa Teresa de Jesus, S. Francisco de Sales, S. Felipe Néri e S. João Bosco e mais perto de nós Santa Terezinha do Menino Jesus. Eles são o melhor testemunho do que escreve J. Moltmann, "que a alegria nos preserva do demoníaco e do desespero, da autodivinização, do auto-ódio e da loucura"⁵.

3. A ALEGRIA CRISTÃ E MISSÃO DA IGREJA

Tamanha graça e alegria não podem ficar retidas no âmbito da comunidade que crê. Devem ser anunciadas ao mundo, estas

⁽⁴⁾ Cf. DELUMEAU, J., *Mil anos de Felicidade*, São Paulo, Companhia de Letras, 1997.

⁽⁵⁾ Cf. MOLTSMANN, J., *Un nuevo estilo de vida. Sobre la libertad, la alegría y el juego*, Salamanca, Sígueme, 1981, p. 134.

maravilhas que Deus operou em Jesus Cristo, redentor da humanidade: “Alegrai-vos, achei a dracma que procurava” (Lc 15,9). Podemos resumir esta realidade com uma frase de Paulo VI: “A alegria pascal não é somente a de uma transfiguração possível: é a alegria da nova presença de Cristo ressuscitado, ao dar aos seus o Espírito Santo, para que ele fique com eles. O Espírito Paráclito é dado assim à Igreja, como princípio inexaurível da sua alegria de esposa de Cristo glorificado. E ele recordar-lhe-á, mediante o ministério de graça e de verdade exercido pelos sucessores dos apóstolos, os próprios ensinamentos do Senhor. E será ele, ainda, a suscitar no seu seio a vida divina e o apostolado” (Paulo VI, *Gaudete in Domino*, cap. III).

O número jubilar cinqüenta, permite-nos ligar os anos do jubileu com os cinqüenta dias depois da Páscoa, ou seja o Pentecostes. Assim, podemos ler o jubileu com a sua radicalidade profética de anunciar o Reino, na perspectiva da irrupção do Espírito Santo que faz nova todas as coisas (At 2,1-36). É o Espírito que dá a parresia, a liberdade e a coragem de denunciar as forças do anti-reino e chamá-las pelo nome. Desde o início, Jesus associou discípulos à sua vida, revelou-lhes o mistério do Reino, deu-lhes participar da sua missão, da sua alegria (Lc 10,17-20) e dos seus sofrimentos (Lc 22,28-30).

É conhecida a frase de D. Bonhoeffer: “A Igreja somente é Igreja enquanto ela existir para os outros”, e o existir para os outros da Igreja começa pelo anúncio da grande alegria preconizada pelo jubileu, alegria devido à encarnação (Lc 2,10), alegria devido ao anúncio do Reino (Mc 2,12). A Igreja é realmente Igreja quando ajuda os que necessitam de ajuda e ajuda os que estão ajudando, quando liberta os oprimidos e ajuda os que estão libertando. Tudo isto provoca alegria. Em tal práxis se realiza autenticamente a Igreja, porque sua identidade se manifesta na diaconia que é amor-serviço⁶. E o primeiro serviço da Igreja em favor da humanidade, sua tarefa essencial é a evangelização (cf. Paulo VI EN n. 14). Evangelização que hoje, em um mundo vitimado pelo vazio e a tristeza, deve ser sempre mais um anúncio capaz de gerar alegria.

O sacrifício por amor ao Reino é fecundo, a perseguição do mundo não pode arrebatá-la a alegria do discípulo que se faz missionário (Jo 16,22). A alegria dos discípulos é porque provaram o triunfo da vida sobre a morte: este é o cerne do anúncio e da missão. A alegria do mundo

⁽⁶⁾ Cf. FUCHS, O., *Igreja para os outros*, em *Concilium* 4..... (1988), p. 53.

(sistema de poder-dominância) é porque acredita no aparente triunfo da morte sobre a vida. A alegria aparece como a grande característica do mundo vindouro; Isaias vai transportar a alegria ritual para o plano escatológico (Is 9,1-2) e cósmico (Is 49,13;55,12). Sendo realidade cósmica e escatológica, a alegria manifesta-se desde já: brilha nos céus cada vez que um pecador se arrepende (Lc 15,10).

A missão deverá ser exercida sempre como um Serviço, em clima de Diálogo, priorizando o Anúncio em clima de Testemunho. Estas são as quatro grandes exigências colocadas pelo programa do Jubileu e que devem ser contempladas como condições de uma “nova evangelização” capaz de restituir a alegria às pessoas. Frisamos que a melhor pregação do Evangelho, a melhor missão será sempre o testemunho (Paulo VI, EN 21). Além do comportamento pessoal de cada um, a história nos cobra a realização coletiva do projeto de Jesus.

4. JUBILEU DA ALEGRIA E EXIGÊNCIA DE JUSTIÇA

A alegria como *Pax* é fruto da justiça do Reino. Na palestina, do tempo de Jesus, vigorava a *Pax Romana*; hoje temos a *Pax Americana* (Neoliberalismo). Ambas são o domínio do dinheiro, da força e da ilusão. É uma proposta de felicidade com base no prazer, no consumo e no lucro. Contrapõe-se a este projeto a *Pax Christi*, a Justiça do Reino (domínio da partilha, do amor-serviço e da primazia de Deus). É a proposta de felicidade com base no amor-serviço gerador da verdadeira alegria: Praticar a justiça é alegria para o justo (Pr 21,15).

A libertação dos oprimidos e o alívio dos sofredores faz parte do programa dos profetas. O Dêutero-Isaias, nos Cantos do Servo Sofredor (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11;52,13-53,12), desenvolve alusões à prática do jubileu com os temas do resgate e da libertação, do retorno da redenção. “Mais claramente, Is 61 usa as imagens do jubileu para representar o Ungido como o arauto de Deus enviado a evangelizar os pobres, a proclamar aos prisioneiros a liberdade e a anunciar o ano da graça do Senhor”⁷.

Assim a proclamação do jubileu da alegria, jubileu do Deus da vida, exige o empenho pela justiça do Reino, a fim de que este anúncio

⁽⁷⁾ Comissão Teológica Internacional, *Memória e Reconciliação – A Igreja e as culpas do passado*, S. Paulo, Loyola, 2000, p. 29.

seja acompanhado com sinais, como o foi o anúncio de Jesus e dos Apóstolos. Na perspectiva do jubileu, é necessário frisar que as primeiras comunidades estavam bem unidas na fração do pão, tinham uma só alma e um só coração. Porém muito mais necessário é frisar que praticavam a comunhão de bens: "Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum" (At 2,44). "Entre eles ninguém passava necessidade" (At 4,34).

a. Contemplar a fome de PÃO

Para concretizar o jubileu na linha do empenho pela justiça, numa práxis capaz de gerar alegria, destacam-se alguns pontos importantes:

- Empenho pelos direitos humanos, em especial o direito dos pobres e excluídos (descartáveis). Quem se preocupará com eles hoje, a não ser os que vêm nos pobres os "vigários de Cristo" (J. Crisóstomo in *Com. Ad. Coloss.*, PG 62, 467-468)? A opção preferencial pelos pobres é reafirmada "com maior decisão" diz o papa neste jubileu (cf. TMA n.51). Não foi a Igreja que despertou a corrente contemporânea atenta aos Direitos Humanos, mas, após o Vaticano II, a Igreja passa de opositora a promotora dos Direitos Humanos, tanto que Paulo VI é considerado o papa dos Direitos do Homem⁸.

- Cancelamento da dívida externa, pedido tantas vezes pelo Papa João Paulo II, como maneira privilegiada de se comemorar este jubileu: "Na Bula de proclamação do jubileu recordei que numerosas nações, especialmente as mais pobres, vivem oprimidas por uma dívida que assumiu tais proporções que o seu pagamento se tornou praticamente impossível. Diminuir ou até cancelar esta dívida: eis um gesto jubilar que seria como nunca desejável" (João Paulo II, *Discurso no jubileu dos trabalhadores*, em *L'Osservatore Romano*, Edição Portuguesa, n. 19, maio 2000, p. 7).

- Resgate das dívidas sociais como propõe a CNBB – "Brasil 500 – Diálogo e esperança" (cf. Documento da 38ª Assembléia em 03 de maio 2000) ou seja:

- dever de todos como expressão da própria cidadania de cooperar para o bem comum;

⁽⁸⁾ Cf. AA.VV., *Direitos humanos, deveres para o novo milênio*, Lisboa, Paulus, 1998, p. 143.

- resgate da dívida social, com especial atenção ao desemprego e salário adequado;
- a promoção da justiça distributiva de renda;
- combate á corrupção e á impunidade, valorizando a ação do poder judiciário;
- o fortalecimento da consciência ética e religiosa que assegure, desde a concepção , o inviolável direito à vida;
- a convivência pacífica entre as etnias, culturas e religiões;
- a preservação do meio ambiente e a busca de um desenvolvimento sustentável.

O desafio maior é criar cidadania: "O grande desafio histórico é certamente este: como fazer das massas anônimas, deserdadas e manipuláveis, um povo brasileiro de cidadãos conscientes e organizados"⁹. O Jubileu nos chama a transformar um modelo de economia baseado na competição para uma economia de comunhão, onde o "*homo homini lupus*" dê lugar ao "*homo homino frater*", economia baseada no trabalho, sobriedade, justiça e honestidade¹⁰.

Esta missão é confiada a todos os cristãos, feitos missionários pelo próprio batismo: "Cristo o grande profeta... cumpre seu múnus profético... não apenas mediante a hierarquia, que em seu nome e poder ensina, como também por meio dos leigos que, para isso, ele constitui seus testemunhos, e formou no sentido da fé e na graça da palavra, a fim de que a força do Evangelho resplandeça na vida de cada dia, familiar e social" (Vaticano II, LG 35).

b. Contemplar a fome de DEUS

A solidão e o desamparo do homem do nosso tempo, provocados pela desagregação da família e desvalorização das Igrejas - as quais propõem a vida comunitária no seguimento de Jesus Cristo na fé - é bem caracterizada pela frase: "Tudo quanto penso. Tudo quanto sou. É um deserto imenso. Onde nem eu estou"¹¹. Diante disto:

⁽⁹⁾ BOFF, L., *Depois de 500 anos, que Brasil queremos?* Petrópolis, Vozes, 2000, p. 51.

⁽¹⁰⁾ Cf. BARROS, M., *A dança do novo tempo, o novo milênio, o jubileu bíblico e uma espiritualidade ecumênica*, São Paulo, Paulus/Sinodal, 1997, p. 77.

⁽¹¹⁾ PESSOA, F., *Poesias Coligidas (inéditas 1919-1935)*, em *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p. 585.

- O homem do nosso tempo, do tempo do existencialismo e nihilismo, busca o Deus desconhecido através da beleza. É necessário acreditar, como premissa para a missão, na bondade original (Vaticano II, GS 18) e no desejo de Deus de conduzir toda a criação para a sua plena realização. Criação que geme esperando a redenção (Rm 8,22). Na ótica de Paulo (Gl 5,1ss), a vocação para a liberdade é o núcleo central do Evangelho cristão e o ponto de partida da nova humanidade¹². O homem do novo milênio somente entenderá um diálogo religioso se este o ajudar no caminho da sua libertação pessoal e coletiva, por mais que isto custe.

- É preciso repropor constantemente aos cristãos a eclesiologia de comunhão do Vaticano II. Que a Igreja seja local onde todos encontrem casa, pão e amizade. Que o cristão seja aberto ao ecumenismo e ao mundo, pois a Igreja é o “pequeno rebanho” que recebe as chaves do Reino para abri-lo aos homens (Mt 21,43; 16,18). O testemunho da Igreja é importante porém, como sinal levantado diante das nações (Vaticano II, LG 1).

- O homem é tentado a buscar a salvação no ter, e a sociedade é organizada sob o predomínio do econômico: *“In terra summus rex est hoc tempora nummus. Nummus dulce putat, quod eum gens tota salutat”* (“Sobre a terra nestes tempos, o dinheiro é rei absoluto. Ele se compraz em ver que todos se inclinam a seus pés”), *Carmina Burana n. 11*. É necessário repropor a Palavra Libertadora de Jesus Cristo (Vaticano II, *Dei Verbum*, 4), é necessário resgatar a consciência de que somos vocacionados para a liberdade, liberdade que é a aspiração máxima do homem principalmente em nossos dias. Liberdade que é o chão de onde pode brotar a verdadeira alegria.

O pedido de perdão, como purificação da memória, proposto e realizado pelo Papa na quaresma de 2000 é uma maneira de aplainar o caminho para um futuro fraterno, pela via da verdade (cf. TMA n. 33), porque na realidade, ao longo dos séculos a Igreja incorreu muitas vezes no recurso da chantagem a serviço do amor.

CONCLUSÃO

O segredo mais íntimo de Deus é sua misericórdia¹³. Misericórdia é seu desígnio de salvação, fruto de um amor infinito para

⁽¹²⁾ Cf. COMBLIN, J., *Vocação para a liberdade*, São Paulo, Paulus, 1998, p. 12.

⁽¹³⁾ Cf. DE PAUL, Saint Vicent, *Correspondance, entretiens, documents*, V. XI, Paris, Pierre Coste, 1920-1925, p. 341.

com o ser humano. O jubileu é a celebração do evento capital que marca esta misericórdia: a encarnação do Filho de Deus. O jubileu é a celebração sobretudo da alegria provocada por este acontecimento devido a sua conseqüência redentora: “estamos salvos” (1Cor 1,18).

O jubileu é, em última análise, a celebração da misericórdia de Deus, portanto. Misericórdia que é a única palavra pronunciada pelo Pai: Jesus Cristo, Verbo redentor. Misericórdia cujas características podemos descrever com as palavras de um romancista de nosso tempo: “A sabedoria do amor vê e aceita todo o mistério da criação, claro escuro. O amor medeia o mistério com aqueles que vivem aflitos e com medo... Caridade é um longo padecimento e bondade”¹⁴.

Conversão para a caridade na forma de misericórdia é uma exigência para os cristãos em nossos dias governados por um sistema que privilegia uma economia sem coração. É neste sentido que o papa propõe a conversão à caridade para juntos construirmos o que já foi proposto, como “civilização do amor” (cf. TMA n. 51). Esta expressão foi utilizada por Paulo VI pela primeira vez em Pentecostes de 1970 e comentada no encerramento do Ano Santo de 1975. Civilização do Amor é o fim para o qual devem tender todos os esforços no campo social e cultural, bem como no econômico e no político (João Paulo II, em DM 14).

É a partir da percepção desta misericórdia manifestada em Jesus Cristo, que podemos contribuir na força do Espírito Santo com a construção da Civilização do Amor. E como esta luta pelo Reino não é movida por uma ideologia, mas por uma fé, ela deve se dar na alegria. É Jesus que deseja uma “alegria completa” aos apóstolos (Jo 15,11) alegria que brota do amor.

A Eucaristia evoca este mistério de amor infinito de Deus pela humanidade. Jesus imolado na cruz é a imagem do amor misericordioso do Pai para com as criaturas. É o amor que dá a vida, sinalizado pelo pão e o vinho. O pão sacia e o vinho inebria e os dois produzem alegria, a alegria de cada um se multiplica pela de todos os convivas e se comunica e se conta: “Tomavam suas refeições com alegria e simplicidade de coração” (At 2, 46). O simbolismo da refeição, da vida e da alegria é primordial¹⁵.

⁽¹⁴⁾ WEST, M., *A Eminência*, Rio de Janeiro, Record, 1999, pp. 295-296.

⁽¹⁵⁾ Cf. DURRWELL, F. X., *A ressurreição de Jesus, mistério de salvação*, S. Paulo, Herder, 1969, p. 365.

O Jubileu portanto evoca esta alegria, é a celebração da alegria cristã como práxis de vida, sobretudo como testemunho de quem aceitou a boa-nova do Reino, vivendo já sua dimensão de festa sem fim. É neste sentido que Jean Guitton, único cristão leigo a participar do Concílio Vaticano II, deixou escrito em seu último livro-testamento: "Quis permanecer na alegria"¹⁶. Permanecer no Espírito é a meta do cristão, e o fruto de quem permanece no Espírito é "paz e alegria" (Gl 5,22), é o Reino concretizado no já e ainda não da História. Com razão, G. Bernanos deixou registrado em seu famoso romance *Journal d'un curé de campagne*: "O contrário de um povo cristão é um povo triste". O jubileu vem lembrar-nos esta realidade.

***O Pe. Pedro Carlos Cipolini é Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma e Professor de Teologia Sistemática no ITCR da PUC- Campinas
E-mail: cipolini@uol.com.br***

⁽¹⁶⁾ GUITTON, J., *Meu testamento filosófico*, S. Paulo, Paulinas, 1999, p. 199.

